

## O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: POR UM ENSINO DECOLONIAL DE LITERATURA

Mayara Benevenuto Duarte<sup>1</sup>  
Davi Jefferson Araújo Da Silva<sup>2</sup>  
Luan Vítor Ferreira De Souza<sup>3</sup>

### RESUMO

A decolonialidade é o nome dado a um movimento de pensamento que se concentra em questionar os paradigmas epistemológicos e cognitivos que constituem o pensamento ocidental dominante. O ensino da literatura nas escolas brasileiras e o currículo são dominados pelo apego ao cânone e aos momentos literários homogeneizados. A escola, as bibliotecas e as academias literárias, dentro dessa perspectiva de dominação intelectual, atuam como mantenedoras e reprodutoras das relações de poder, em nível material e/ou epistemológico. É nesse sentido que este artigo propõe refletir sobre as práticas literárias desenvolvidas em algumas esferas sociais e de que forma elas têm compactuado para a propagação de um conhecimento eurocêntrico e colonializado. Neste presente artigo, deter-nos-emos na análise do conto “Tempo de ousar” de Daniel Munduruku (2005), com a proposta de refletir a partir do relato do autor sobre a visão decolonial e as relações imbricadas entre as visões de mundo entrelaçadas na narrativa. Partimos da hipótese de que apesar do empoderamento dos povos originários e de suas diversas produções científicas e literárias ainda não há um espaço amplo e intercultural. Para tanto, fundamentamo-nos na teoria decolonial (MIGNOLO, 2003; 2008, 2021; QUIJANO, 2010; BONIN, 2015); e nas noções de literatura (LAJOLO, 1989; PROENÇA, 1997; CÂNDIDO, 2011; MASSAUD, 2012). A nossa base metodológica é de cunho qualitativo, visto que consideramos a interpretação e as relações existentes entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Para tanto, faremos uso de trechos do conto para ilustrar o “silenciamento” e o processo de descolonização. Como resultados, destacamos os embates entre as visões de mundo e como o narrador-personagem é transpassado pelas relações hegemônicas. Para ultrapassar os limites dos pensamentos hegemônicos produzidos, é preciso desmistificar e desconstruir essas bases que silenciam produções de conhecimento derivadas de origens distintas das aceitas na ordem global.

**Palavras-chave:** decolonialismo, literatura, ensino.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, mayaraduartedga@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, davijeffersonaraujodasilva@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduando pelo Curso de Letras Língua Inglesa da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG,

## INTRODUÇÃO

A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, representa um importante marco na história da educação brasileira ao tornar obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Essa legislação busca promover a valorização e o respeito pela diversidade étnico-racial presente em nossa sociedade, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva, plural e igualitária. Ao incluir esses conteúdos nos currículos escolares, a lei reconhece a importância de conhecer e valorizar as contribuições históricas, sociais e culturais desses grupos para a formação do Brasil atual. Além disso, busca combater estereótipos e preconceitos que muitas vezes permeiam o ensino e a sociedade, promovendo a superação de visões distorcidas e estigmatizadas sobre essas culturas.

A incorporação do estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nas escolas não deve se limitar apenas a conteúdos teóricos, mas busca também a valorização das expressões culturais desses povos, como suas línguas, músicas, danças, artes e religiões. Dessa forma, os estudantes devem ter a oportunidade de conhecer e vivenciar na prática a riqueza e a diversidade cultural presente no país. No entanto, a implementação efetiva dessa lei ainda enfrenta desafios. Muitas vezes, existe resistência por parte de alguns setores da sociedade em reconhecer a importância e a necessidade desse estudo, o que pode resultar em lacunas na abordagem desses temas nas escolas. Além disso, é fundamental que os professores sejam capacitados e qualificados para abordar de forma adequada e respeitosa esses conteúdos, proporcionando aos estudantes uma educação antirracista e que promova a valorização da diversidade cultural.

A problematização do conceito de decolonialidade, proposto por Quijano (2005), se faz essencial ao debatermos sobre o ensino de literatura, pois nos permite refletir sobre as estruturas de poder e as relações de dominação presentes na seleção e na abordagem das obras literárias nas instituições educacionais. É importante compreender que o cânone literário, tal como estabelecido historicamente, possui uma concepção eurocêntrica que exclui vozes e perspectivas marginalizadas. Nesse contexto, o desconforto diante da ausência de autores negros, indígenas, LGBTQIAPN+ e pertencentes às classes sociais menos favorecidas, revela a necessidade de repensar e ampliar o repertório literário trabalhado nas escolas. A diversidade de vozes é fundamental para que os estudantes se reconheçam e se identifiquem nas narrativas, promovendo um senso de pertencimento e empoderamento.

Neste entendimento, no conto "Tempo de ousar", de Daniel Munduruku (2005), a intenção é delinear as profundezas da visão decolonial retratada pelo autor. Este conto serve

como um espelho, permitindo um olhar crítico sobre as complexas relações entrelaçadas e o choque de visões de mundo representadas na trama. Não se trata apenas de avaliar as camadas literárias, mas de refletir sobre os ecos da colonialidade presentes na narrativa. Por meio da obra de Munduruku, é possível se confrontar com a clara observação das perspectivas conflitantes entre culturas distintas e os desafios enfrentados em uma sociedade pós-colonial. O "Tempo de ousar" é muito mais que um simples relato. É um desafio à percepção estabelecida, dirigindo o leitor a uma jornada introspectiva para questionar e talvez redigir seu entendimento sobre o mundo que conhecemos.

No que diz respeito à nossa fundamentação, partimos da hipótese de que apesar do empoderamento dos povos originários e de suas diversas produções científicas e literárias ainda não há um espaço amplo e intercultural. Para tanto, fundamentamo-nos na teoria decolonial (MIGNOLO, 2003; 2008, 2021; QUIJANO, 2010; BONIN, 2015); e nas noções de literatura (LAJOLO, 1989; PROENÇA, 1997; CÂNDIDO, 2011; MASSAUD, 2012). A nossa base metodológica é de cunho qualitativo, visto que consideramos a interpretação e as relações existentes entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Para tanto, faremos uso de trechos do conto para ilustrar o "silenciamento" e o processo de descolonização.

## **REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO**

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, onde se realizou com vista a mostrar e melhor compreender a realidade dos povos originários. Pretendeu promover uma alteração positiva na realidade escolar vivenciada pela população nativa do nosso país, abrindo possibilidades de novas discussões sobre a temática, buscando ações para trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo.

É importante ressaltar que essa transformação almejada requer o enfrentamento e a reversão dos efeitos nefastos de séculos de preconceito, discriminação e racismo. Por isso, o estudo enfatizou a necessidade de se combater essas injustiças estruturais, entendendo que somente através de uma abordagem enraizada em valores de respeito, inclusão e valorização da diversidade é que será possível alcançar uma educação e uma sociedade mais equitativas.

A colonialidade, em um enquadramento teórico mais assertivo, não só incorpora a herança perpetuada pela colonização, mas também se manifesta na perpetuação ininterrupta de estruturas coloniais de poder, hierarquias e disparidades que ainda se mantêm vivas e palpitantes na atualidade do mundo pós-colonial. D'Angelo (2017), um pensador respeitado nesse campo, vai além em sua interpretação e sugere que a própria noção de colonização é em

si sustentada por numerosas variáveis de relações de poder, entrelaçadas justapostas, que vinculam intrinsecamente concepções de gênero, de raça, de povo e mais.

É importante sublinhar que tais práticas e noções não são inatas ou preexistentes; elas são construídas meticulosamente ao longo do tempo e realizadas com o objetivo específico de sua autopreservação; servindo como um pilar para a manutenção das relações de poder. O reflexo mais vívido disso pode ser visto na gradual e sistemática erosão das crenças e tradições dos povos indígenas, onde prevalece a imposição do pensamento e domínio colonizador. Por exemplo, ao nos referirmos ao processo de colonização no Brasil, podemos notar que a cultura europeia foi imposta aos povos originários, marginalizando suas tradições e práticas culturais. Assim, a colonização vai além da simples dominação territorial, ela estende-se a elementos culturais e cognitivos, ganhando raízes profundas na psique dos dominados e consolidando-se dentro das relações sociais da comunidade.

A colonialidade na perspectiva de Grosfoguel (2008), é o conceito que captura de maneira mais precisa a persistência da dominação e subjugação que continuam a existir após o fim oficial da era colonial. Esta é uma leitura que dimensiona o efeito duradouro, o impacto contínuo das estruturas coloniais que permanecem relevantes muito além do próprio período colonial. Ballestrin (2013) explica as ideias de Mignolo (2010) sobre a natureza multifacetada do poder colonial, destacando que o poder colonial pode ser essencialmente dividido em três dimensões: do poder, do saber e do ser. A colonialidade do poder e do saber foram ideias originadas por Anibal Quijano, que estudou como o poder colonial se manifestava na economia e na formação de conhecimento coloniais. No entanto, Ballestrin (2013) acrescenta uma nota cautelar, mencionando que a noção de colonialidade do ser, proposta por Mignolo e que examina as maneiras pelas quais o poder colonial molda e determina a identidade e o sentido de si mesmo das pessoas colonizadas, não foi amplamente aceita pelo Grupo Modernidade/Colonialidade. Apesar desta ressalva, a influência da colonialidade do ser também é evidenciada em diversas outras fontes, como nos trabalhos de Maldonado-Torres (2007) e Restrepo e Rojas (2010), que corroboram a existência dessa dimensão de colonialidade.

Consequente ao pensamento de Quijano, há o surgimento de outro movimento teórico e prático, político e epistemológico, cunhado por Nelson Maldonado-Torres e outros estudiosos e ativistas, que ficou conhecido como “Giro decolonial”. Ele emergiu como uma crítica às abordagens tradicionais de transformação social e política que foram consideradas inadequadas para lidar com os problemas complexos e sistêmicos do colonialismo.

O "Giro decolonial" busca desafiar os princípios eurocêntricos e as hierarquias que ainda estão presentes nas estruturas de poder globais. Ele promove a necessidade de descolonizar tanto as estruturas sociais e políticas quanto as formas de conhecimento que foram estabelecidas durante o período colonial. Essa abordagem considera que as formas de opressão e exploração sistêmicas derivadas da colonialidade não podem ser superadas por meio de políticas inclusivas ou reformas isoladas, mas exigem uma reflexão profunda sobre as dinâmicas coloniais e a construção de alternativas radicais.

O "Giro decolonial" é, portanto, tanto um movimento teórico quanto prático, envolvendo tanto a descolonização do pensamento e conhecimento acadêmico quanto a prática política voltada para a transformação das estruturas de poder. Ele questiona as narrativas hegemônicas e busca o resgate das epistemologias e saberes marginalizados, colocando-os no centro das discussões e ações.

Segundo Mignolo (2008), a origem do pensamento decolonial é mais remota, emergindo como contrapartida desde a fundação da modernidade/colonialidade. Ao enaltecer e diferenciar o pensamento decolonial, vale reproduzir o raciocínio de Mignolo:

Colonialidade e descolonialidade introduzem uma fratura entre a pós-modernidade e a pós-colonialidade como projetos no meio do caminho entre o pensamento pós-moderno francês de Michel Foucault, Jacques Lacan e Jacques Derrida e quem é reconhecido como a base do cânone pós-colonial: Edward Said, Gayatri Spivak e Hommi Bhabba. A descolonialidade – em contrapartida – arranca de outras fontes. Desde a marca descolonial implícita na Nueva Crónica y Buen Gobierno de Guamán Poma de Ayala; no tratado político de Ottobah Cugoano; no ativismo e crítica decolonial de Mahatma Ghandi; na fratura do Marxismo em seu encontro com o legado colonial nos Andes, no trabalho de José Carlos Mariátegui; na política radical, o giro epistemológico de Amílcar Cabral, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Rigoberta Menchú, Gloria Anzaldúa, entre outros (Mignolo, 2010, p. 14-15)

A descolonialidade permite analisar caminhos de luta e resistência contra modos de poder instituídos, e resgatar saberes ignorados e excluídos pela colonialidade do poder e do saber. Ainda segundo o autor a 'descolonialidade' visa confrontar e eliminar o legado contínuo do colonialismo e do imperialismo.

Na perspectiva de Zolin-Vesz (2017, p. 4-5), a descolonialidade busca "alternativas para a construção e a compreensão do mundo e da vida social, em particular pelo prisma das epistemologias escamoteadas pela instituição de um modelo eurocêntrico de ciência linguística".

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abordagem aprofundada dos elementos específicos de "Tempo de ousar" pode trazer algumas nuances à nossa análise. O uso de simbolismos pelo autor, por exemplo, é uma forma poderosa de expressar a complexidade das questões decoloniais. O simbolismo é uma ferramenta vital que Munduruku emprega para transmitir e contrastar as diferentes visões de mundo, desafiando as percepções estabelecidas e estimulando o leitor a explorar caminhos alternativos de entendimento.

A construção dos personagens também é crucial para a narrativa. O desenvolvimento do protagonista, suas ações e pensamentos, reflete as relações imbricadas e as tensões existentes numa sociedade pós-colonial. Os personagens secundários também são fundamentais, desenvolvidos não apenas como suporte ao protagonista, mas como entidades que ajudam a desvelar os vários matizes da visão decolonial. O cenário em "Tempo de ousar" atua como mais do que uma simples ambientação - ele se torna um personagem por si só, encerrando a rica tapeçaria cultural indígena. Localizado entre o tradicional e o moderno, o cenário tangivelmente reflete a convivência entre os mundos e as tensões decorrentes dessa interação.

[...] Sei disso, filho. O mundo da cidade é confuso e embaraçoso até mesmo para os que nele nasceram. Faça como o caçador: espreite a caça, mas mantenha-se escondido; ande leve, sem pressa; não esqueça de sonhar e ande com os dois pés sempre ligados à nossa terra. É possível que assim você tenha uma vida feliz (MUNDURUKU, 2005, p. 68)

Certamente, ao engajar a análise do conto "Tempo de ousar", de Daniel Munduruku, com os princípios dos estudos pós-coloniais e decoloniais, abre-se um novo nível de interpretação. Por exemplo, a teoria pós-colonial se volta para a análise das relações de poder, a construção de identidades e **a resistência ao domínio colonial**.

— Tenha cuidado apenas com os seus olhos.  
 — Por que, meu pai?  
 — Empréstimo os olhos para as pessoas, nunca os dê para elas. Conserve seu jeito de olhar o mundo, receba outros olhares, mas nunca perca o que é seu. (MUNDURUKU, 2005, p. 69)

Nesse contexto, o conto de Munduruku pode ser lido como uma tentativa de problematizar a visão unilateral do colonialismo, oferecendo uma perspectiva centrada na visão de mundo indígena, um contraponto ao discurso eurocêntrico. Já a teoria decolonial, que se diferencia da pós-colonial por seu foco na descolonização do pensamento, pode se aplicar no modo como o autor **resgata e valoriza, por meio da narrativa, a cosmovisão e a sabedoria**

**indígenas frente à lógica ocidental.** Em ambas as teorias, o conceito de "outras vozes" é crucial. Por meio das perspectivas dos personagens no conto, Munduruku efetivamente apresenta uma diversidade de vozes que desafia a visão hegemônica, semeando assim a compreensão e a empatia decolonial.

Eu, que vinha de uma tradição de oralidade, achei maravilhoso conhecer os caminhos que o ocidente percorreu na construção de sua história. Isso me ajudou a compreender muitíssimo bem o pensamento "quadrado" que o ocidente desenvolveu. Confesso que foi assim que compreendi melhor o que minha cultura tradicional tinha de tão fundamental e como era importante mantê-la viva. Foi preciso sair e conhecer a cultura do outro para valorizar ainda mais a minha. (MUNDURUKU, 2005, p. 72)

A influência das teorias pós-coloniais e decoloniais na escrita de Daniel Munduruku é profundamente evidente. O autor se utiliza dessas abordagens teóricas para realçar a intersecção de visões de mundo e a articulação da resistência cultural em suas histórias. No conto "Tempo de ousar", isso é manifestado em vários aspectos. Primeiramente, podemos observar o aspecto da resistência cultural que é enfatizado no desenvolvimento dos personagens e em suas interações.

Eles não são meramente receptores passivos das influências coloniais ou pós-coloniais, mas agentes ativos que resistem, desafiam e reinterpretam o mundo ao seu redor, de acordo com suas próprias experiências e cosmovisão indígena. Este é um reflexo direto da abordagem pós-colonial, que valoriza as diversas vozes que emergem de contextos colonizados. Em segundo lugar, a escrita de Munduruku ilustra a teoria decolonial através do resgate de narrativas indígenas e visões de mundo. O autor minuciosamente inclui elementos culturais indígenas, seja na forma de crenças, costumes, conhecimento ancestral ou diálogos autênticos, de modo a descolonizar as percepções do leitor e proporcionar uma visão mais equilibrada da realidade. Por fim, a própria escolha de Munduruku em empregar o universo literário como um espaço de empoderamento e autoafirmação é uma forma de resistência cultural.

Eu nunca tinha tido vontade de ler muito. Lia apenas para "passar de ano", como se dizia antigamente. Lia por obrigação e não por prazer. Para mim, a leitura boa era aquela ensinada por meu avô que dizia sempre que a natureza tinha uma escrita e que era preciso estar sempre atento às suas letras. Mas isso era muito fácil de fazer, já que estávamos sempre juntos à natureza e tínhamos aprendido a fazer silêncio, a falar pouco e a "fechar os olhos" para ouvir com o coração. Isso nossos "professores" da aldeia haviam nos ensinado. Agora, ler as palavras que vinham impressas em livros ainda não conhecia, ainda não sabia de sua importância para compreender fatos, relevos, números, línguas e gramáticas. Não sabia que eram muito bons para compreender os sentimentos, os conflitos, as biografias, os pensamentos, os acertos e os erros de uma humanidade tão diferente da humanidade que conhecia em minha aldeia. (MUNDURUKU, 2005, p. 66)

Ele aproveita a literatura para transmitir e ensinar a rica herança cultural indígena, desafiando as representações predominantes e acenando para a diversidade e complexidade das culturas autóctones.

Desse modo, enfatizando o relato decolonial, o autor destaca os efeitos residuais do colonialismo em nossa sociedade. Essa reflexão provoca um olhar cuidadoso sobre o nosso legado cultural e histórico. Oferece um convite implícito para desvendar as visões imbricadas na narrativa, permitindo-nos repensar os paradigmas estabelecidos e reconsiderar as visões ocidentais predominantes. Existem, no entanto, uma pluralidade de caminhos a serem explorados nesta análise, surgindo questões sobre o papel do indivíduo na sociedade, as estruturas de poder subjacentes que moldam nossas percepções, e como a história é contada e reinterpretada. O "Tempo de ousar", nesse sentido, pode servir como um caminho para discussões mais amplas sobre identidade, justiça social e representação cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção de uma educação antirracista e inclusiva requer o reconhecimento da diversidade cultural e a valorização das diferentes perspectivas de mundo. Além disso, "Tempo de Ousar" também aborda o papel fundamental das próprias comunidades indígenas na construção de uma educação que respeite sua cultura e suas tradições.

O autor ressalta que é essencial que as escolas se abram para o diálogo com as lideranças e os membros das comunidades indígenas, fortalecendo parcerias e estabelecendo práticas pedagógicas que promovam a valorização e o respeito à diversidade. A obra de Daniel Munduruku nos convida a refletir sobre a importância de uma educação que vá além dos padrões ocidentais predominantes, reconhecendo e valorizando a pluralidade cultural presente no Brasil. É um chamado à ousadia de repensar os currículos, as práticas pedagógicas e as relações interpessoais nas escolas, promovendo a inclusão, o respeito e o reconhecimento de todos os saberes.

Como professores formadores de outros docentes, é preocupante observar a resistência de algumas instituições educacionais em abrir espaço para a inclusão dessas obras e perspectivas. A atitude de conceder espaço a esses escritores muitas vezes reflete uma postura de discriminação velada, que perpetua a visão excludente e hierárquica do cânone literário. Em contrapartida, é possível promover uma abordagem decolonial da literatura, que desafia as estruturas de poder e valoriza a diversidade de vozes e experiências.

## REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

D'ANGELO, Helô. Estudo mostra diversidade de práticas sexuais entre indígenas no Brasil pré-colonial. **Revista Cult**. São Paulo, 26 junho, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/estudo-mostra-diversidade-de-praticas-entre-indigenas-no-brasil-pre-colonial>. Acesso em: 25 jul. 2023

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. El giro decolonial. **Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, p. 127-167, 2007.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, p. 287-324, 2008

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. Tempo de ousar. In: MUNDURUKU, Daniel. Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de histórias. Org. e Apr. de Heloisa Prieto. São Paulo: Moderna, 2005. p. 65-74

RESTREPO, Eduardo; MARTÍNEZ, Axel Alejandro Rojas. **Inflexión decolonial**: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.

ZOLIN-VESZ, Fernando. Apresentação. In: ZOLIN-VESZ, F. (org.). **Linguagens e Descolonialidades**: práticas languageiras e produção de (des)colonialidades no mundo contemporâneo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 09-14.